

EVERARDO LUNA – EM PROSA E VERSO

Licínio Barbosa

Advogado

1. DOS CAMINHOS DE SAN TIAGO À ROMARIA DE SANTO EVERARDO

O insigne agrarista Juan José Sanz Jarque, catedrático de Direito nas Universidades de Espanha, percorreu o Caminho de São Tiago, e, para perpetuar sua mística experiência, escreveu *De Mar a Mar – Desde Tarragona a Finisterre, en el Jacobeo 93, por los Caminos y Lugares que Santiago abrió a la fé*, edição da Asociación Católica de Propagandistas, Madrid, 1998, 467 págs.

Convidado pela Doutora Margarida Cantarelli, ex-presidente do Egrégio Tribunal Regional Federal, 5.ª Região, Recife (PE), e diretora da Escola Superior da Magistratura da Justiça Federal, para proferir palestra sobre a vida e a obra de Everardo da Cunha Luna, seu ex-professor, no “Simpósio em Homenagem a Everardo da Cunha Luna”, realizado em João Pessoa (PB), nos dias 9 a 10 de março do ano em curso, abalei-me, com minha esposa, de Goiânia (GO) ao Recife (PE) e, de lá, a João Pessoa (PB), a fim de cumprir um ato de contrição a um dos santos de minha devoção, no âmbito das ciências penais. O convite foi como uma convocação. E como o tempo não permitia que se fizesse o trajeto a pé, outra alternativa não tive senão tomar o avião, a despeito das quedas freqüentes e escandalosos atrasos nos vôos. Sem falar nos fraudulentos *overbookings*.

Percorri, assim, “o Caminho de Santo Everardo”, de Goiânia, no epicentro do Planalto Central, às cidades-irmãs Recife/João Pessoa, trazendo no far-nel alguns apontamentos para a celebração desse nume das letras jurídico-penais que Paraíba, generosamente, doou ao mítico Pernambuco, donde espargiria, incandescente, luzes o todo o território nacional.

2. AS ORIGENS CAMPINEIRAS NA PLANALTINA BORBOREMA

Na remansosa paz montês do nordestino planalto da Borborema, nascia, a 10 de dezembro de 1923, em Campina Grande, Paraíba, o maior expoente da Dogmática Jurídico-penal de nosso País, o inolvidável EVERARDO DA CUNHA LUNA, filho de Mauro da Cunha Luna e Augusta de Almeida Luna.

Em suas quase 7 décadas de gloriosa existência, percorreu longo périplo de atividades administrativas, desde a cidade natal, onde foi Secretário da Prefeitura, no remoto ano de 1948, aos 25 anos de idade; vice-presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, Seção de Pernambuco; Conselheiro do CNP-CP – Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária, do Ministério da Justiça; Correspondente Nacional para o Tratamento do Delinquente e Prevenção do Crime, das Nações Unidas (Viena); Membro Titular da Academia Pernambucana de Letras Jurídicas, Membro da Academia Pernambucana de Ciências, membro da Academia de Letras da sua Campina Grande, – Campina Grande que ele canta, em “Evocação da Infância”.

“Oh Campina, minha terra,
Não sou filho ingrato não...
Ao descer a tua terra,
Fazia por tua mão!

“Para a emoção que me ferve
E que no peito contenho,
A prosa simples não serve,
Poesia boa não tenho...

“Por isso, em rimas vulgares,
Ponho agora minha voz,
Preso que estou nos lugares
De meus pais e meus avós...”

3. O TROPISMO DAS ARCADAS PERNAMBUCANAS

Atraído pelo centenário tropismo da legendária Faculdade de Direito de Olinda e Recife, ingressa na luminescente Casa de TOBIAS BARRETO, diplomando-se Bacharel em Direito na Turma de 1947.

Vocacionado para o magistério, dois anos após o Curso de Direito iniciar-se na docência, como professor de *Português*, no Curso Colegial da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco, ano de 1949. Simultaneamente, lecionaria *Técnica Jurídica Comercial, Sociologia e Economia Política*, em vários colégios de sua estremecida Campina Grande.

De volta ao Recife, substituiria o ilustre Prof. Evandro Muniz Neto, na Cátedra de *Direito Penal Judiciário*.

4. O *MAGISTER*

Mais tarde, seria titular da Teoria Geral do Direito Penal, no Curso de Mestrado da Faculdade de Direito da UFPE; de Direito Penal Comparado, no seu Curso de Doutorado; e Direito Penal, no Curso de Especialização em Direito Público, e Direito Privado, na Faculdade de Ciências Sociais, da Universidade Federal do Amazonas.

Para tanto, já se revelara a maior expressão da “Dogmática Jurídico-Penal”, quase deitando sombra sobre o grande mestre das Ciências Penais de Pernambuco, Aníbal Bruno, Catedrático de “Direito Penal”, de “Língua Portuguesa” e de “Medicina Legal”, – com o seu clássico *Estrutura Jurídica do Crime*, de 1958, trabalho com que conquistou, espetacularmente, a Livre-Docência de Direito Penal, onde enfoca, com clareza solar:

Na Introdução:

A Teoria Jurídica do Crime, e
A Estrutura Jurídica do Crime.

No Título I, Síntese do Crime:

O Crime como Fato Jurídico (Cap. I), e
O Crime com Fato Injurídico (Cap. II).

E, no Título II, Análise do Crime:

O Crime como Fato Material (Cap. III), e
O Crime como Fato Moral (Cap. IV).

Tese que a Universidade Federal de Pernambuco transformaria em livro, no ano subsequente, várias vezes reeditado.

Logo após, no ano de 1959, conquista a Cátedra de *Direito Penal* de sua Faculdade, com a tese “O Resultado do Direito Penal”, mais tarde editada, em livro, pela Editora Bushatsky, com a seguinte estrutura:

- O Resultado e o Direito (Cap. I),
- O Resultado e o Dano (Cap. II),
- O Resultado e os Elementos do Crime (Cap. III), arrematando a tese com a conclusão,
- O Resultado e a Manifestação do Crime (Cap. IV).

Viria, depois, em estilo mais didático, destinado, mormente, aos alunos do Curso de Graduação, a obra *Capítulos de Direito Penal – Parte Geral*, cobrindo toda a “Teoria Geral do Direito Penal”, e compreendendo: “As Ciências Penais”, a “Natureza do Direito Penal”, as “Categorias Jurídico-Penais”, as “Tendências do Direito Penal Contemporâneo”, o “Alcance e os Limites do Direito Penal Hodierno”, o “Direito Penal Germânico”, a “Moderna Teoria do Delito”, a “Teoria Finalista da Ação”, a “Antijuricidade”, o “Bem Jurídico”, o “Crime na nova Parte Geral do Código Penal”, o “Crime Omissivo e a Responsabilidade Penal por Omissão”, a “Relação de Causalidade e a Responsabilidade Penal Objetiva”, a “Culpabilidade”, “O Erro e Tipo e o Erro de Proibição”, a “Coação Irresistível e a Obediência Hierárquica”, o instituto da “*Aberratio Ictus*”, a “*Aberratio Delicti*”, o “Arrependimento Eficaz”, a “Pena e a crise penal”, o “Exame Criminológico”, a “Carecteriologia Criminal”, a “Descriminalização e a Despenização”.

Nesses “Capítulos”, presente toda a teoria geral do Direito Penal moderno.

Obra pouco divulgada, porém de grande significação na bibliografia everardiana, uma outra obra, pouco mais que uma *plquette*, *Trabalhos de Direito Penal*, publicada, em 1971, pela Editora da Universidade Federal de Pernambuco, contendo “Pareceres” sobre: a “Apropriação Indébita”, o “Estelionato”, o “Livramento Condicional e a Segurança Nacional”, o “Pedido de Graça nos crimes de Homicídio Simples e Privilegiado”. Também aí se encontram entrevistas sobre o “Anteprojeto do Código Penal”, e sobre o “*Habeas Corpus* e a Segurança Nacional”. Fecha essa obra a erudita arguição sobre a tese “Tutela Penal da Intimidade”, do Prof. Dr. PAULO JOSÉ DA COSTA JÚNIOR, das *Arcadas Paulistas*, ao todo 14 questionamentos.

Parte importantíssima da contribuição everardiana à Dogmática Jurídico-Penal são as “Notas” ao *Direito Penal*, 2 volumes, de Giuseppe Bettiol, na tradução vernacular de Paulo José da Costa Jr. (Doutor das Ciências Penais, no Brasil e na Itália), e Alberto Silva Franco, obra editada pela Revista dos Tribunais nos anos de 1996 (Vol. I) e 1971 (Vol. II).

Doutra parte, não se pode olvidar o contributo de Everardo à “Teoria Geral do Direito”, com sua obra *Abuso de Direito*, hoje clássica, edição esgotada como quase todos os livros do gênio campineiro.

5. O EXAMINADOR

A despeito de sua intensa atividade docente, Everardo esteve presente em inúmeras Comissões, dentre as quais:

- a) Conselho Técnico-Administrativo, da FD-UFPE;
- b) Comissão Examinadora do concurso para Professor Titular de “Direito Penal”, na sesquicentenária **Faculdade do Largo São Francisco**, arguindo o Prof. Doutor Paulo José da Costa Júnior;
- c) Comissão de Admissão ao Curso de Pós-Graduação, da Faculdade de Direito da UFPE;
- e) Comissão Examinadora do concurso para Professor Assistente de Direito Penal, da FD-UFPE;
- f) Comissão Examinadora de Professor Assistente de Direito Penal, na Faculdade de Direito da UFCeará;
- g) Comissão Examinadora para Professor Titular de Direito Penal, da Faculdade de Direito da Universidade Estadual do **Rio de Janeiro**, arguindo o Prof. Dr. HELENO CLÁUDIO FRAGOSO, o Advogado da “Resistência Democrática” durante os “anos de chumbo” da turva Ditadura Militar;
- h) Comissão Examinadora para Professor Titular de Direito Penal junto à Faculdade de Direito da Universidade Federal do Paraná, arguindo o Prof. Dr. RENÉ ARIEL DOTTI, o mais brilhante talento, das Ciências Penais do País, na segunda metade do Séc. XX, e co-autor da petição de *impeachment*, do presidente Fernando Collor;
- i) Comissão Examinadora para Professor Titular de Direito Penal junto à centenária Faculdade de Direito da Universidade Federal de **Goiás**, em que se consagrou como Titular o Prof. Dr. LICÍNIO LEAL BARBOSA, em 1985;

- k) Comissão Examinadora para Professor Titular perante a Faculdade de Direito da Universidade Federal do **Pará**, em que foi ungido o Prof. Dr. EDMUNDO DE OLIVEIRA, hoje Titular da Cátedra de Direito Penal e Ciências Penais da prestigiosa Faculdade de Direito da Universidade de Orlando, Estados Unidos da América;
- l) Examinador da Produção Científica e Cultural da UNB, no concurso de Professor Titular, do Prof. ELMANO CAVALCANTI DE FÁRIA;
- m) Comissão Examinadora do concurso de Promotor de Justiça do Estado de Pernambuco;
- n) Integrante da “Lista Tríplice” para a escolha de Desembargador junto ao Egrégio Tribunal de Justiça de Pernambuco.

6. O ADMINISTRADOR

Homem de pensamento, foi, Everardo, também operoso homem de ação. Eis, a propósito, alguns cargos por ele exercido:

- a) Chefe do IV Departamento da Faculdade de Direito da UFPE, período 1969-1972;
- b) Coordenador do Curso de Doutorado, na Faculdade de Direito da UFPE;
- c) Vice-Diretor da Faculdade de Direito da UFPE.

7. O ADVOGADO

A intensa atividade acadêmica não impediu Everardo de se dedicar, com sofreguidão, às lides advocatícias.

Como já se registrou, foi vice-presidente da OAB-PE.

Sua atividade postulatória se iniciaria, em caráter permanente e ininterrupta, como Advogado de Ofício da Cidade do Recife (PE), a partir de 1958. Nessa condição, seria membro do Conselho Penitenciário de Pernambuco, nos idos de 1969. E participaria como Membro da Comissão de Elaboração do Anteprojeto de Regulamento Penitenciário de Pernambuco.

Integrou o Conselho do Instituto dos Advogados de Pernambuco, e do Conselho Seccional da OAB-PE.

Como Advogado, representou a categoria, por 2 biênios consecutivos (1964-1968), junto ao Tribunal Regional Eleitoral de Pernambuco.

Foi, também, Procurador Adjunto dos Feitos da Fazenda Pública de Pernambuco, e compôs Comissão Examinadora para seleção de “Advogados de Ofício” do Recife, no ano de 1967. Também comporia Comissão Examinadora para escolha de Auditor Militar de seu Estado adotivo.

8. EXPOENTE DO *PARQUET*

Igualmente, exerceu, com a sobriedade, que lhe era inerente, o cargo de Promotor de Justiça, na Paraíba, de 1951 a 1953; e, mediante concurso público, cargo idêntico, em Pernambuco, de 1953 a 1956.

E, também, o cargo de Conselheiro do “Conselho Penitenciário do Serviço Social contra o Mocambo”, em Pernambuco, no ano de 1964.

9. O POLÍGRAFO

Instado a contribuir, com o seu imenso saber e sua vastíssima cultura para várias publicações, eis alguns temas que abordou com a mais absoluta propriedade:

- a) O dogma da reserva legal;
- b) O dogma do bem jurídico;
- c) O dogma da ação;
- d) O dogma da culpabilidade;
- e) A revisão criminal no Anteprojeto do Código de Processo Penal;
- f) O Direito Penal e as Ciências do Homem;
- g) O Direito Penal em Portugal;
- h) A disciplina jurídica do transplante;
- i) Estudo sobre a deformidade permanente;
- j) O crime de corrupção de menores;
- k) A extinção da punibilidade e sonegação fiscal;
- l) O instituto da prova no Anteprojeto do Código de Processo Penal.

Especial menção ao primoroso trabalho “A Arte e o Obsceno”, separata da *Revista de Informação Legislativa* do Senado Federal, apresentado, originariamente, ao “VI Congresso Brasileiro de Teoria e Crítica Literárias”, e “II Seminário Internacional de Literatura”, realizados em Campina Grande (PB), de 19 a 25 de setembro de 1982.

Na oratória acadêmica, destacam-se:

- a) “Saudação aos Novos Bacharéis”, separata da *Revista Acadêmica*, LXV, da Faculdade de Direito da UFPE, dirigida aos novos Solicitadores e Advogados, ao prestarem juramento perante o Conselho da OAB-PE, a 9 de maio de 1969;
- b) “Aníbal Bruno, o Homem e a Obra”, panegírico publicado pelo Conselho Municipal de Cultura, em dezembro de 1977, Recife (PE);
- c) “Afonso Campos”, conferência proferida na Associação Comercial de Campina grande, nas homenagens pelo Cinquentenário da morte do ilustre público paraibano;
- d) “Epitácio Pessoa, o Homem e o Direito”, separata da *Revista Acadêmica*, LXIV, Recife (PE);
- e) “Phaelante da Câmara”, separata da *Revista Acadêmica*, ano LXIII, 1966-1967, Recife, 1967, panegírico do Prof. Francisco Phaelante da Câmara Lima, nas festividades de seu Centenário.

E tantas outras contribuições, nos campos do “Direito”, das “Ciências Penais”, da “Vida Acadêmica” e da “Literatura”.

Especial contributo prestou, Everardo, ao aprimoramento do sistema penal de nosso País, além desses artigos, conferências, arguições, – com sua luminosa participação nos Seminários realizados em Goiânia (GO), v. g. no Seminário de 1973, – quando foi proclamada a “Moção de Goiânia I” –, e, mais tarde, no Seminário de 1981, – quando foi regida a “Moção de Goiânia II”. E, no “I Congresso Brasileiro de Ciências Penais”, – quando se editou a “Moção de Goiânia III”, sua presença espiritual foi sentida e programada, pois, seus ensinamentos foram uma das colunas mestras desse documento.

10. O POETA

Seria unimaginável identificar naquele homem sisudo, mas de ameno trato, aparentemente mais preocupado com a Dogmática-Jurídico-Penal, um poeta de vastos recursos, de profunda sensibilidade, e de elevada inspiração.

Everardo poeta, – eis uma das faces que poucos conhecem no Defensor Público, no Advogado, no Catedrático.

Ei-lo!

E, por admitir sê-lo, pede, antecipadamente, “Perdão aos Poetas”, nas duas quadras homônimas:

“Por cometer o pecado
De versejar um instante,
Arrependido já brado:
– Perdão, ó filhos de Dante!

“E por vencer a canseira,
Busco logo o meu descanso
Na minha velha cadeira,
A cadeira de balanço!” (Recife, 1964)

Ao cantar *o Amor*, considera-o o “Carro de Fogo” que teria arrebatado Elias, o Profeta que anteviu a vinda do messias.

“O amor, no mundo,
É o carro de fogo
Que levou Elias
Para outras alturas.
É nela que sentimos
Pelos compassos da vida
Como as idéias são simples
E como as coisas são puras” (Praia do Janga, 1983)

De Dante, vai a Goethe, o ponto culminante da literatura germânica, a quem dedica uma oitava:

“Se todo velho é um rei Lear,
Forjado na tempestade
Na febre e na noite fria.
– Esgotada a humanidade
Não o louve em fantasia,
Não lhe tenha piedade:
– Tem o que foi, cada dia,
Na paz da tranqüilidade.” (Recife, 1985)

Além da quadra e do “Soneto de Dante”, mais duas quadras (“Para Ler Dante”):

“Para ler Dante?
Em qualquer instante.
Saber florentino?
Basta neo-latino.

“Ser italiano?
Apenas humano.
Católico? Não!
Um simples cristão.” (Recife, 1983)

Do autor da *Divina Comédia*, passa ao mágico de *A Comédia Humana*, a quem dedica o soneto “Balsac”:

“Alheio aos pesadelos da fadiga,
A reviver magicamente o dia,
Penetra-se daquela voz antiga,
Na solidão da última agonia:

“– Que augusto espírito, ou palavra amiga,
A chama te acendeu da fantasia,
O compassar da tormentosa intriga,
No estilo perenal da poesia?

“– Na estranha caminhada florentina,
Presente esteve o sábio mantuano
E a sagrada visão da peregrina...

“Mas, na minha Comédia, o insano e o sano,
Senti, em cada sala, e em cada esquina,
Só pelo encanto e o desencanto humano.” (Recife, 1985)

Fascinado pela música clássica, dedica ao maior compositor de todos os tempos, Mozart, dedica-lhe 5 quadras, das quais destaco as duas últimas:

“Corações sempre escondidos
No turbilhão do viver,
Assomam pelos sentidos
Desde as origens do ser.

“Aragem de luz, agora,
Movendo as sombras do dia,
Desperta a graça de outrora,
Na limpidez da magia.” (Recife, 1986)

Na simbologia bíblica dos “Reis Magos”, celebra o “Ouro”, o “Incenso” e a “Mirra”:

“Esse *ouro*, que enriquecia,
E agora ilumina a fé,
Pleno de graça em Maria,
É *graça* de São José.

“O *incenso* que cobre o mal,
Pela fé que o homem alcança,
Sal da vida, é sempre o sal
Da promessa e da *esperança*.

“Da mirra, as sagradas rosas,
Que ungiram Cristo na dor,
Anunciam, perfumosas,
A consolação do amor.” (Recife, 1986)

Em louvor de *Keats*, o grande vate da poesia romântica da Inglaterra, proclama:

“Presenti, na natureza,
Vendo a noite e vendo o dia,
Que o vero e o bem, com certeza,
No que é belo se anuncia:
– Uma essência de beleza
É uma eterna alegria.” (Recife, 1990)

Nos momentos tristes, uma ode à “Depressão”, que assim define:

“São dolorosos caminhos,
Desnudando os corações,
Deserto imenso de espinhos,
Loucura das emoções.

“Ardência desesperada,
Desejo de não viver,
Procura do ser, o nada,
E até ação de morrer!” (Recife, 1990)

Projetado aos píncaros da glória, Everardo não olvidou jamais sua querida Campina Grande, lembrando o “relógio da Matriz”, “a Geninha, mãe preta”, “corridas de carrocel / na festa da Conceição...”, os “banhos alegres no açude”, os “meninos de Oliveira”, “o escritório colorido / do velho Hortênsio Ribeiro...”, “o primeiro grande amor”, “A sedução do tormento / E a escravidão que liberta!”

E conclui o poema “Evocação da Infância”:

“E agora, longe da terra,
Adulto, guardo a lição,
Mas o menino da serra
Mora aqui no coração!” (Recife, 1980)

Sintonizado com o futuro, Everardo deixou-se empolgar pela “Amazônia”, – mais uma vez, celebrada, agora, na minissérie “De Galvez a Chico Mendes”, na mágica dramaturgia de Glória Perez –, como já acontecera a Gastão Cruz e a Euclides da Cunha, Everardo dedica-lhe um soneto:

“Céu tranqüilo, a espessura consagrando
Rio e floresta à esplendidez solar,
Seguia o corpo, ao passo, entremeando
Mares na terra e terras com o mar.

“E na extensão de força rebentando,
A luz buscava a escuridão sem par,
Ao mole corpo, as almas animando,
Floresta e rio em direção do mar.

“Lentos veios dos olhos se estendiam,
Descoberta de amor e fortaleza,
Pela oferta do bem que recebiam.

“E na visão do verde da aspereza,
Os astros da esperança prometiam
A consciência em prol da natureza.” (Recife, 1982)

11. O HOMEM

Casado com Heloíza, – para nós, Dona Heloíza Luna –, ela foi, para Everardo, o que Beatriz para Dante.

Por isso mesmo, Everardo lhe dedica o soneto “Versos à Heloíza”:

“Se na ausência do bem o mal consiste,
Como afirmam os claros pensadores,
Escuridão que põe minh’alma triste
É privação da luz de teus amores.

“Existes e és um bem que longe existe,
Um bem aonde eu for e aonde fores,
Que por Eros e Âgape nos uniste,
Dos que negam a vida vencedores.

“Pressentimento de abrandar as dores
É promessa que esplende, na enxovia,
Que após os cardos brotarão as flores,

“É vaticínio de afastar o dia
De brumas cheio e cheio de temores,
É prenúncio de Paz e de Alegria.” (Recife, 1964)

Dessa ditosa união, nasceriam Eleonora, Heitor, Hermano e Eduardo de Souza Luna.

A Eleonora, hoje Mestra em Direito, e Procuradora de Justiça de Pernambuco, o pai dedica as 4 quadras de “No Hospital Português”, de que destaco as duas primeiras.

“Neste lugar de combate,
Travado entre vida e morte,
Uma lembrança me abate
E uma outra me torna forte.

“Se nele, com dor atroz,
Vi meu pai deixando a vida,
Também nele, anos após,
Nasceu-me a filha querida!” (Recife, 1956)

E ao caçula, Eduardo, dedica o soneto “A Manhã de um novo Dia”:

“Cada dia é a manhã de um novo dia,
Nauta nas vagas de alongada vela,
Que a presença do viver constela
Os destinos da vida fugidia.

“Pelo ritmo solar da fantasia
E na força sombria da procela,
Desvelos de concórdia e de querela
Vão e vêm na manhã de um novo dia.

“Querê-lo assim, no mar dos desenganos,
Em convívio da fonte criadora,
Ou sedução do corpo apetecida,

“É transcender o perpassar dos anos,
Como se instantes o viver não fora,
E de mortal não se fizesse a vida.” (Recife, 1983)

12. O GÊNIO

Everardo foi um gênio. E, como todo gênio, um ser agitado por forças telúricas e cósmicas. Ver-lhe a vida, e sentir-lhe o estro, lembra o poema “Ahasverus e o Gênio”, com que CASTRO ALVES abre as *Espumas Flutuantes*, na coletânea de Homero Pires, para celebrar o Centenário do Poeta dos Escravos, cujas estrofes ainda reboam nas Arcadas da Faculdade de Direito de Olinda e Recife, nas tertúlias com Tobias Barreto:

“O Gênio é como Ahasverus... solitário
A marchar, a marchar no itinerário
Sem termo do existir.
Invejado! A invejar os invejosos,
Vendo a sombra dos álamos frondosos...
E sempre a caminhar... sempre a seguir...

“Pede u’a mão de amigo – dão-lhe palmas:
Pede um beijo de amor – e as outras almas
Fogem pasmas de si.
E o mísero de glória em glória corre...
Mas quando a terra diz: – ‘Ele não morre’,
Responde o desgraçado: ‘Eu não vivi!...’”

(S. Paulo, 1868, in: *Poesias Escolhidas de Castro Alves*, seleção, prefácio e notas de Homero Pires, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1947, p. 33)

Todavia, a despeito do dramático poema de “O Poeta dos Escravos”, Everardo amou e foi amado. Teve mão e ombro de amigo, juntamente com os aplausos onde proferiu suas sábias conferências.

Por tudo isso, Everardo, a despeito do evento de 1991, não morreu. Porque seus ensinamentos continuam com todos aqueles que, como nós, operadores do Direito, colaboradores na missionária distribuição da Justiça, a todo momento sentimos sua presença inspiradora, quer no recôndito da biblioteca, na oficina de trabalho, nos pretórios, na tribuna forense.

Everardo vive, eternamente!

Suas lições como consagrado jurista, sua sensibilidade como poeta de sublime inspiração, sua retidão de caráter, seu extremado apego à família, sua lealdade inexpugnável aos amigos, – tudo faz dele uma referência perene como aqueles avatares da humanidade que figuram, cintilantes, na galeria dos Varões de Plutarco, como faróis inextinguíveis para guiar os navegantes nas tormentas e nas procelas do mar revolto de nossa existência.

Pois esta é a existência! A nossa existência!

